



HISTÓRIAS QUE SE LIGAM: UM OLHAR SOBRE A OBRA “AQUIDAUANA E OUTRAS HISTÓRIAS SEM RUMO”, DE MAURO PINHEIRO

Suëllen Silva Varela

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

A obra *Aquidauana e outras histórias sem rumo*, de Mauro Pinheiro, publicada em 1997, é de extrema importância para a literatura contemporânea, pois apresenta várias possibilidades de comparações e análises, principalmente referentes à metacficção. Aborda temas recorrentes da sociedade, relacionados às classes inferiores, aparecendo personagens de uma “realidade sem *glamour*”, muitas vezes ignorando princípios e pensando apenas na sobrevivência. São histórias se entrelaçam e não se concluem, mas têm fortes diálogos e uma construção da metacficção. Possui personagens marcantes, sendo o principal deles a estrada, que de tão presente nas tramas torna-se de grande importância no enredo. Por outro lado, pela análise de um livro da literatura contemporânea, como o selecionado para este trabalho, constata-se que há poucas referências a respeito. Dessa forma, buscaremos apoio para o estudo em autores tais como Giorgio Agamben (2007; 2009), Zygmunt Bauman (2009), Mario Vargas Llosa (2013), Julio Cortázar (2008) e Ricardo Piglia (2004). Buscamos com esta análise realizar uma breve visão sobre tal obra, que ainda é pouco conhecida pelo público.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Literatura Contemporânea; Conto; Mauro Pinheiro.

ABSTRACT

The work *Aquidauana e outras histórias sem rumo*, by Mauro Pinheiro, published in 1997, is extremely important for contemporary literature, as it presents several possibilities for comparisons and analyzes, mainly referring to metacfiction. It addresses recurring themes of society, related to the lower classes, appearing characters from a “reality without glamor”, often ignoring principles and thinking only about survival. These are stories that are intertwined and not concluded, but that have strong dialogues and the construction of metacfiction. With striking characters, the main one being the road, which is so present in the plots becomes of great importance in the plot. On the other hand, when we approach a book of contemporary literature as the one selected for this work for analysis, it appears that there are few references to it. Thus, we will seek support for the analysis in authors such as Giorgio Agamben (2007) (2009), Zygmunt Bauman (2009), Mario Vargas Llosa (2013), Julio Cortázar (2008) and Ricardo Piglia (2004). With this analysis we seek to provide a brief overview of the work that is still little known by the public.

Keywords: Brazilian literature; Contemporary Literature; Short story; Mauro Pinheiro.

Suëllen Silva Varela é mestranda no programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela UFMS.

E-mail: su-varela95@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo analisar os entrelaçamentos presentes na obra *Aquidauana e outras histórias sem rumo*, publicada em 1997, de Mauro Pinheiro, um carioca nascido em 1958 que estreou no mundo da literatura em 1993 com o livro *Cemitério de navios*, este que foi muito aclamado pela crítica. Sua obra *Aquidauana e outras histórias sem rumo* aborda histórias banais do cotidiano, com personagens intensos e que vivem em constante movimento. Observa-se que alguns deles se reencontram pelas estradas em outros contos da obra ou mesmo vivenciam a mesma situação de ângulos diferentes.

Como a obra em análise é pouco conhecida, buscamos fazer um aparato geral em forma de apresentação, mostrando os pontos mais fortes, a importância do gênero conto na literatura contemporânea, a forma como os contos se relacionam, a recorrência de personagens e aspectos das ações e diálogos da trama, além da metaficção que se revela na última narrativa da obra.

Como suportes teóricos para as análises recorreremos a obras que discutem temas contemporâneos importantes, tais como *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2009) e o artigo “Elogio da profanação” (2007), ambos de Giorgio Agamben, que contribuem com os conceitos de dispositivo de controle e da profanação. Também buscamos em Zygmunt Bauman e na obra *O mal-estar da pós-modernidade* (2009) questões da publicidade e da comercialização em massa, além das reflexões de Mario Vargas Llosa em *A Civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura* (2013).

Para analisar a especificidade do conto na contemporaneidade, recorreremos a Julio Cortázar, com *Valise de Cronópio* (1993), que aponta algumas das características do conto

bem realizado, e também a Ricardo Piglia, com a obra *Formas Breves* (2004), de quem buscamos o conto como uma narrativa que traz duas histórias sendo contadas ao mesmo tempo e a importância dessas histórias paralelas.

1 O CONTO COMPARADO AO ROMANCE

Observando as interligações existentes nos contos, percebemos a força desse gênero literário, a forma como os personagens têm noção da situação em que se encontram e a busca desenfreada pela liberdade, que acaba a tornando algo sagrado, como define Agamben em seu artigo “Elogio da profanação”, publicado em 1947, sendo a versão utilizada a de 2007. Todos os personagens buscam a liberdade de alguma forma e, assim, transformam-na em um dispositivo de controle, que ao mesmo é algo sagrado, como Agamben mostra em “Elogio da Profanação”.

Além disso, temos na obra a presença de metaficção, que acontece quando os personagens fazem uma reflexão consciente sobre a própria condição de ficção em que estão inseridos, sendo essa uma característica recorrente na literatura contemporânea. É pertinente ressaltar a reflexão de Edgar Poe sobre o conto¹, em seu texto “A filosofia da composição”:

Se alguma obra literária é longa demais para ser lida de uma assentada, devemos resignar-nos a dispensar o efeito imensamente importante que se deriva da unidade de impressão, pois, se se requerem duas assentadas, os negócios do mundo interferem e tudo o que pareça com totalidade é imediatamente destruído (POE, 1999, p. 103).

No trecho acima, Poe descreve o efeito que o conto causa no leitor, ressaltando o fato de uma narrativa curta conter mais intensidade que

¹ Vale ressaltar que o texto de Poe faz referência ao poema narrativo “O corvo”, que não é propriamente um

conto, uma vez que não está escrito em prosa. Suas observações foram associadas depois a esse gênero.



um romance extenso, pois na primeira é necessário observar e valorizar cada detalhe, símbolos e pausar, porque estes podem fazer total diferença durante a leitura e para a construção de sentido. Já o romance exige mais tempo para leitura e pode ser influenciado por acontecimentos externos a cada pausa do leitor, e o conto, por ser curto, traz uma totalidade de ações e reflexões completas – ou completadas pela contribuição do leitor, poderíamos acrescentar.

2 PERSONAGENS COM PENSAMENTOS E ATITUDES PRÓPRIAS

A obra *Aquidauana e outras histórias sem rumo* (PINHEIRO, 1997) abre um leque de possibilidades e podemos destacar ali questões bastante contemporâneas, como a metaficção, além das características peculiares dos contos, que se entrelaçam, e a forte personalidade dos personagens.

Com contos interligados, mistérios não esclarecidos e histórias subliminares que ficam em aberto, não sabemos se os personagens conseguiram alcançar seus objetivos, se conseguiram concluir suas trajetórias. E é neste emaranhado de acontecimentos, encontros e desencontros, que temos os contos de Pinheiro, os quais podem ser considerados micronarrativas que se sustentam sozinhas, mas, quando consideradas em conjunto na obra, formam um texto maior, construindo uma dura representação da realidade.

Porém, isso não significa que os acontecimentos sigam uma sequência cronológica, pois acontecem vários flashbacks que contribuem para o desenvolvimento dos sentidos nas narrativas. E, sem perceber, aos poucos somos envolvidos pelo enredo, como Cortázar preconiza sobre como deve agir o contista: “[...] o bom contista é um boxeador muito astuto, e muitos dos seus golpes iniciais podem parecer pouco eficazes quando, na realidade, estão minando já as resistências mais

sólidas do adversário” (CORTÁZAR, 2008, p. 152). Ou seja, aos poucos as narrativas vão envolvendo seu leitor e as histórias subliminares aparecem, valorizando a superficial. Sobre essa característica do conto, Cortázar afirma o seguinte: “um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta” (CORTÁZAR, 2008, p. 153). O reflexo do conto sobre o leitor é vasto e a forma como aborda as questões antes não observadas afeta diretamente a perspectiva sobre determinados assuntos. Assim, possibilita que o leitor amplie seu olhar para além da narrativa. Ricardo Piglia, em seu livro *Formas Breves* (2004), afirma:

Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície. [...]. Trabalhar com duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de causalidade. (PLIGLIA, 2004, p. 90).

A segunda história nem sempre aparece com nitidez e é necessário um leitor atento para separar a história superficial da secreta. Muitas vezes é essa segunda que causa maior impacto e é nela que está elevado o grau de criticidade. Isso acontece, por exemplo, no conto “Viagem a São Paulo” (PINHEIRO, 1997), quando o narrador descreve a ida de um menino com sua mãe para São Paulo; ali não está falando apenas de uma viagem repleta de aventuras (para o menino), pois mostra o abandono, a busca de uma mulher pelo homem que amava, as descobertas, as traições, as frustrações e o impacto que tudo isso causa na criança e suas reflexões internas: “as viagens também serviam para que não conseguíssemos encontrar quem procurávamos” (PINHEIRO, 1997, p. 36).

Mauro Pinheiro consegue, aos poucos, “minar” nossas resistências e nos envolver nas histórias, naquilo que Cortázar preconiza no bom contista. Por outro lado, também podemos



relacionar essas micronarrativas ao que Piglia chama de bons contos, pois existe um clima de suspense e surpresas ao final delas: “[...] o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não-dito, com o subtendido e a alusão” (PIGLIA, 2004, p. 91-92). E é essa “falta” que instiga e envolve o leitor nas histórias, permitindo que imagine hipóteses e possíveis desfechos para a trama.

Interessante lembrar aqui o que Agamben (2009) e Bauman (2009) falam: o primeiro sobre o conceito de contemporâneo (e o poeta contemporâneo):

[...] Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem desses experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p. 62-63).

No trecho acima, Agamben afirma que é necessário mergulhar no escuro de incertezas para só então conseguir expressar algo na escrita, pois é se afastando de verdades prontas que se consegue encontrar sentidos, sendo assim contemporâneo ao seu tempo. Já Bauman (2009) fala sobre o conceito da arte contemporânea:

Mas a arte contemporânea parece preocupar-se, mais do que qualquer outra coisa, em desafiar, repletar e derrubar tudo o que aceitação social, o aprendizado e a formação solidificaram em esquemas de “necessária” conexão; é como se todo artista, e toda obra de arte, lutasse para construir uma nova obra de arte privada, esperando e desesperando convertê-la numa linguagem consensual e genuína [...] (BAUMAN, 2009, p. 132).

O autor destaca a ousadia dos artistas contemporâneos, que buscam desafiar limites e representar em suas obras uma nova visão,

demonstrando que a arte não é algo sólido, mas sim flexível.

Nesse mundo contemporâneo também existe a questão comercial, que é analisada em *A civilização do Espetáculo* (2013), de Mario Vargas Llosa, em que o autor debate questões sobre a comercialização e os valores invertidos, que são seguidos e reproduzidos constantemente na sociedade atual:

Nesse mundo, as coisas — mercadorias — passaram a ser os verdadeiros donos da vida, os amos que os seres humanos servem para assegurar a produção que enriquece os proprietários das máquinas e as indústrias que fabricam tais mercadorias (LLOSA, 2013, p. 14).

Essa é uma busca desenfreada por lucros, sem, necessariamente, preocupação com a qualidade, mas sim com a quantidade e o valor financeiro ao final, como Bauman (2009, p. 134) também aponta:

[...] A importância da obra de arte é medida, hoje, pela publicidade e notoriedade (quanto maior a plateia, maior a obra de arte). Não é o poder da imagem ou o poder arrebatador da voz que decide a “grandeza” da criação, mas a eficiência das máquinas reprodutoras e copiadoras – fatores fora do controle do artista.

3 AQUIDAUANA E OUTRAS HISTÓRIAS SEM RUMO E SEUS PERSONAGENS CONTEMPORÂNEOS

Podemos dizer que na obra *Aquidauana e outras histórias sem rumo*, a personagem mais contemporânea é Diana/Queixada/Lenda, uma das que se repetem ao longo da obra. Essa é uma figura feminina que está presente na maioria dos contos, assumindo nomes diferentes e em alguns casos aparece apenas como personagem que não possui nome. Essa falta de nomeação não é algo significativo na obra, mas sim as situações narrativas que envolvem os personagens e o impacto que



causa sobre o leitor. Esta figura a todo momento tem noção das coisas que acontecem ao seu redor e busca soluções para esses problemas, como acontece nos dois exemplos abaixo, o primeiro presente no conto “Nas rebarbas do mundaréu”: “passou a se chamar Queixada porque era ela que orientava as conversas e acabava sempre descolando uma grana ou um rango com os motoristas” (PINHEIRO, 1997, p. 39). Já o segundo está no conto “Aquidauana”:

Lenda aprumou-se na cadeira e apoiou o queixo na mão para melhor pensar. Sua elegância era inversamente proporcional ao seu estado de espírito. Não havia dúvida, era mais um problema a resolver. Mas ela não podia esperar, sua vida era um breve conto, não uma saga milenar. (PINHEIRO, 1997, p. 90-91).

Como podemos ver, a personagem tem plena noção de que deve agir rápido, que tem pouco tempo e que a busca pela liberdade é arriscada a partir do momento em que começa a refletir sobre a busca de achar soluções para o problema que se apresenta naquela situação. Ou seja, consegue observar as situações fora do contexto em que elas acontecem, afasta-se para enxergar melhor a verdadeira situação, sem se deixar cegar pelos detalhes supérfluos. Vê os verdadeiros problemas individuais, sociais e faz críticas subliminares que denunciam isso. Assim, consegue ler nas entrelinhas, não estando imersa na escuridão, tal como fala Agamben sobre o contemporâneo.

É interessante observar que as narrativas e seus acontecimentos formam um ciclo, assim como acontece muitas vezes na vida real, em que temos histórias que se repetem a todo o momento, mas em diferentes situações, dependendo de diferentes visões e perspectivas.

Podemos dizer que isso se configura como um eterno recomeço, tal como Giorgio Agamben afirma em seu ensaio sobre o

contemporâneo: “O mundo antigo no seu fim se volta, para se reencontrar, aos primórdios” (AGAMBEN, 2009, p. 70). Ou seja, a todo momento temos uma retomada de fatos que já aconteceram, como se pode ver em duas das narrativas nos trechos transcritos abaixo:

Foi a última vez que bebi caldo de cana na minha vida, embora até hoje ainda sinta aquele travo de bagaço moído dentro da garganta. Ainda bem que ela estava ali comigo, me limpando com uma toalha úmida, me dando roupas limpas para vestir (PINHEIRO, 1997, p. 32 – Conto Viagem a São Paulo).

No banco da frente havia uma moça e um garotinho que, de repente, começou a vomitar. Ela acendeu um exíguo foco de luz sobre o filho, começou a enxugá-lo e fez com que trocasse de camisa. Suas palavras eram aconchegantes, um sussurro que calava o ronco do motor. Depois abraçou-o e apagou a luz. Aquele cheiro deixou-me acordado durante todo o resto do percurso (PINHEIRO, 1997, p. 49 - Conto Mensageiro).

Também em outros dois contos há recorrências desse tipo, dessa vez com outros personagens, como se pode ver nos trechos abaixo:

Todas as manhãs eu devia transportar três blocos de gelo, de um metro e meio cada, dentro de um carrinho de pedreiro, que rangia enferrujado nos meus tímpanos por quatro quilômetros de caminhada, lá da Boca do Rio até a praia da Armação (PINHEIRO, 1997, p. 19 – Conto Algum lugar ao norte).

O sol tardava a partir, teimoso como uma estrada sem carros, e Queixada sentiu naquele instante, pela primeira vez que Andorinha não queria mais voar com ela. Sabia muito bem que era por causa do carioca que transportava pedras de gelo sob o sol para um bar da praia (PINHEIRO, 1997, p. 40 – Conto Nas rebarbas do mundaréu).

Como se pode observar são diferentes contextos, mas com a representação da mesma



cena. Mesmo que cada personagem esteja em trajetórias diferentes, há momentos em que reaparecem interagindo, ou apenas se encontrando pelas estradas com outros protagonistas e, dessa forma, as histórias se entrelaçam, fazendo parte do mesmo microcosmo. Todos estão sempre em movimento, travando uma constante luta contra o tempo, marcada pela presença das estradas e por uma intensa busca da liberdade, mesmo à custa de perder um possível amor.

Outro fato que chama atenção é a presença das imagens nas páginas de abertura, pois cada conto é antecedido de uma imagem simples, que representa paisagens vistas através de janelas, praia, céu estrelado de uma cidade, pipa voando no céu, estrada, dentre várias outras. Todas essas imagens são descritas no desenvolver da narrativa e estão relacionadas com os acontecimentos do conto mostrando horizontes ou ilustrando a possibilidade de um amanhã melhor, o que remete à busca pelo inalcançável, pela infinitude da liberdade, caracterizando assim a própria esperança dos personagens.

A definição que melhor pode se aplicar a esse livro está presente na própria orelha da obra, sem identificação de autoria, que demonstra bem o entrelaçamento dos enredos, formando um conjunto a partir dessas micronarrativas:

*Aquidauana e outras histórias sem rumo é uma retomada bem-vinda daqueles flashes, fragmentos retalhados a machado, de uma realidade sem glamour. Viagem a São Paulo e Julia são dois momentos inspirados desta coletânea, em que alguns personagens se repetem e se encontram, e todas as estradas, como todas as aspirações, parecem ser as mesmas. É afeto que busca Andorinha, num mineiro ou num capixaba, ou num carioca. O afeto que não pode dar para o filho, com quem provavelmente pega carona com Hermes, em *Cães da estrada*, e que é com certeza *Julia*. Mas deixar rolar é a lição maior,*

a que Jaime ensina em *Enquanto houver bananas*, num show de adaptabilidade tão a moda brasileira. Colhe da vida o que ela pode dar, ao sabor do acaso (PINHEIRO, 1997, s.p.).

Pela “realidade sem glamour”, que mostra uma visão certamente sombria da sociedade, vemos que os pequenos detalhes e essa busca constante, que para os personagens mostra-se ambiciosa, acabam por se identificar, nessa constante correria, ao final, pela ânsia de liberdade. Em geral, essas narrativas focalizam pessoas que quase nunca são observadas, que vivem às margens da sociedade, mas que têm sempre algo para ensinar como Jaime, personagem do conto “Enquanto houver bananas”.

É importante lembrar aqui da proliferação dos dispositivos na contemporaneidade sobre os quais Agamben (2009) discorre no ensaio citado anteriormente:

Não seria provavelmente errado definir a fase extrema do desenvolvimento capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos. Certamente, desde que apareceu o *homo sapiens* havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (AGAMBEN, 2009, p. 42).

Podemos ver na obra de Pinheiro como alguns personagens agem como dispositivos de controle sobre os outros, inclusive quando relacionado à curiosidade:

Havia algo de estranho naqueles dois. Não pareciam marido e mulher, ou namorados viajando em férias. Não se falavam, apenas trocavam olhares fartos de significados que Jaime não conseguia entender (PINHEIRO, 1997, p. 58 – Conto Enquanto houver bananas...).

Os dispositivos de controle existem desde o começo da humanidade e na atualidade é



praticamente impossível ficar fora de sua vigilância, seja com os mecanismos eletrônicos, seja pelos não palpáveis, como o olhar de uma pessoa sobre outra, os gestos e atitudes. Em sua obra, Pinheiro representa bem os mecanismos de controle não palpáveis quando sua personagem Diana/Queixada/Magda/Lenda demonstra total controle sobre outros personagens, principalmente Débora/Andorinha/Raquel, que também aparece em vários contos. Isso pode ser observado no conto “Algum lugar ao Norte”:

Seu nome era Diana e parecia uma bandoleira de boate. Tudo que lhe interessava na vida era tomar dinheiro dos otários. Débora se esforçava para se parecer com ela, mas dava para ver que era inútil, sua meiguice não assustava ninguém (PINHEIRO, 1997, p. 21).

O mesmo acontece em “Nas rebarbas do mundaréu”: “Queixada era assim, sempre a um passo da paixão ou da violência. Não sobrou escolha para Andorinha, que não podia deixar a amiga na mão” (PINHEIRO, 1997, p. 40). As diferentes questões de controle, seja aquele involuntário, seja aquele em que o personagem permite ser controlado devido à dependência que cria e os conflitos humanos, estão presentes nos contos de Pinheiro.

Se os dispositivos estão ali, como se poderia fugir de seu âmbito? Agamben (2009) preconiza a seguinte estratégia: “[...] a estratégia que devemos adotar no nosso corpo a corpo como dispositivo não pode ser simples, já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum” (AGAMBEN, 2009, p. 44). O que George Agamben nos mostra é a passividade que existe com relação aos dispositivos, sendo que estes deveriam servir de instrumentos e não como arma de dominação.

Mauro Pinheiro coloca a liberdade como o dispositivo mais forte na obra, pois, ao mesmo tempo em que aquela é sagrada e os

personagens vivem uma busca incessante por alcançá-la, muitas vezes é necessário desrespeitar princípios e desafiar limites em sua busca, sendo capazes de tudo para possuí-la. Quando eles a conseguem, não permitem a aproximação de outras pessoas, por medo de perdê-la.

Um exemplo disso é o personagem do conto “Algum lugar ao norte”, que começa a gostar de uma moça chamada Débora e mostra esse medo da perda de seguir livre no trecho: “há muito tempo ninguém me tratava com tanto carinho, e aquilo me fez sentir fraco. Não queria gostar mais de alguém do que da minha própria liberdade. Mas a liberdade era uma coisa imprecisa para mim” (PINHEIRO, 1997, p. 22). Mesmo sem saber definir o significado de liberdade, ele se sente preso por ela, pois sabe que a partir do momento em que mantiver um relacionamento com outra pessoa terá de mudar todos os seus conceitos.

Dessa forma, temos ali personagens com total liberdade de decisão e escolhas, apresentando em muitos momentos pensamentos e atitudes próprias, como no diálogo de Lenda e Tales no conto “Aquidauana”:

- Você está armado?
- Estou, por quê?
- Ora que pergunta! Você andou tomando uma pancada forte na cabeça?
- Calma Lenda. Não sou muito bom nos diálogos. Tenha paciência, meu amor. O que eu queria era viver um filme mudo, preto-e-branco.
- Cara, você até agora não parece muito bom em nada. Deve ser bom de cama. Pelo menos seu beijo é uma loucura.
- Gentileza sua. Mas de que valem os beijos assim escritos. O que conta são os diálogos, nisso eu sou péssimo [...] (PINHEIRO, 1997, p. 96).

Esta mulher, envolta de mistérios, prende a si várias inquietações, pois, apesar da necessidade de ser submissa para sobreviver



em uma sociedade tão seletiva – “embora dissessem que a vida era uma dádiva, ela já nascera devendo tudo a todo mundo” (PINHEIRO, 1997, p. 88), oferece em sua submissão a forte resistência – “os seus problemas pareciam não mais parar de se reproduzir. Passara a vida tentando evitá-los, mas seu esforço não servira de nada. Pensou profundamente que talvez tivesse chegado a hora de dar um basta e chutar o pau da barraca” (PINHEIRO, 1997, p. 89-90). Além disso, em vários momentos temos a concepção de que é Lenda que guia todo o enredo, sabe usar da sedução como forte aliado e aos poucos todos os outros personagens vão fazendo sua vontade.

A conversa entre Lenda e Tales mostra como o personagem tem a noção de que é considerada importante apenas à figura que possui bom diálogo ou fortes expressões na trama, coisa que ele diz não possuir. Essa consciência própria e expressa pelos personagens mostra claramente um exemplo de metaficção, que fica mais forte quando resolvem se rebelar contra o narrador ainda no mesmo conto acima citado. Tales tem consciência de que não é bom em diálogos e nunca terá um destaque em qualquer que seja a narrativa e, como não tem nada a perder, junta-se com Lenda:

- Tenho certeza. Percebeu que não aconteceu sequer uma verdadeira história de amor até aqui? Só estradas inúteis, desencontros, criaturas sem norte...
- Depende do que você entende como história de amor. Tem aquela passagem com um homem e um cachorro...
- Dá um tempo. Tales. Pensa bem: talvez dois personagens se apaixonando de verdade consigam enganar o autor. E é por aí que vamos escapar. Daqui pra frente fique calado e não erre a pontaria (PINHEIRO, 1997, p. 96).

CONCLUSÕES

Podemos dizer que *Aquidauana e outras histórias sem rumo* aborda questões sociais de pessoas que normalmente passam despercebidas pelo olhar da sociedade, representa fatos simples do cotidiano de quem vivem no submundo social e a busca contínua por algo, mesmo sem saber ao certo o que é. A única certeza que têm é a de que é bom e vai recompensar todos os esforços, prezam a liberdade mesmo que para isso seja necessário evitar qualquer tipo de laço afetivo ou se desapegar de todos os rótulos impostos pelo universo social.

De todos os personagens podemos destacar dois em especial: a estrada, que de tão presente na trama pode ser considerada como um personagem, aparecendo em todos os contos e traçando o caminho dos personagens físicos; e Lenda, uma mulher manipuladora e destemida, que busca encontrar seu reconhecimento e sair da posição submissa que está. Temos em Lenda um exemplo de personagem feminina contemporânea, a mulher que não mede esforços para alcançar seus ideais e não se intimida com as dificuldades encontradas nesse percurso, é extremamente racional e determinada, usa de sua inteligência para desvencilhar-se das dificuldades.

A obra tem um final surpreendente, que nos enche de indagações, como se o autor realmente era quem Lenda e Teles pensavam. Se a teoria de Lenda, para quem falta uma história de amor verdadeira no livro, confirmasse? O que aconteceria caso conseguissem matar o autor? As narrativas chegam ao final fechando um ciclo que nos remete ao começo e cabe ao leitor concluir as histórias.



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: BoiTempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHEIRO, Mauro. **Aquidauana e outras histórias sem rumo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

POE, Edgar Allan. *A Filosofia da composição*. In: POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

VARELA, S. S. Histórias que se ligam: Um olhar sobre a obra “Aquidauana e outras histórias sem rumo”, de Mauro Pinheiro. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, v. 7, n. 2, p. 16-24, 2020.